

Schuchardt Contra os Neogramáticos

1. Não podemos perder de vista as verdades gerais, nem no mais erudito dos estudos particulares. Temos que nos embeber da ciência para transcendê-la. Temos que servir a ciência com o propósito único de domá-la.

Com estas palavras Hugo Schuchardt encerra as trinta e seis páginas da monografia na qual ele desmonta a doutrina dos neogramáticos, expondo cabalmente seus erros de formulação, sua inconsistência teórica, seu dogmatismo e sua mediocridade.

O ano era 1885, ponto culminante de um debate que havia tomado a comunidade dos estudos linguísticos de assalto: as publicações defendendo e atacando a doutrina das leis fonéticas regulares dos “neogramáticos” perfilavam-se nas livrarias acadêmicas dos grandes centros universitários da Europa, com réplicas e tréplicas acaloradas. Nesse debate, entretanto, as palavras de Schuchardt passaram despercebidas: não encontramos reações a elas nos escritos dos neogramáticos, e nem apoio nos escritos dos combatentes da escola. A próxima edição em alemão do pequeno livro sairia quase quarenta anos depois, e sua primeira tradução (para o inglês), mais de oitenta anos depois.

Esta apresentação da primeira tradução da obra para o português está pontuada pela indagação sobre o problema da sua recepção – pois precisamos, antes de tudo, justificar a pertinência de uma nova edição de uma obra mal-recebida em seu tempo, passado mais de um século da sua publicação original. A partir dessa inquietação, tentamos desenhar um rosto para este autor controverso, e compreender a profundidade da sua contribuição para a teoria da linguagem – ainda em nosso tempo sob forma de germen.

Acreditamos ainda que, ao refletir sobre as razões do esquecimento dessa magistral peça crítica de um teórico frente à doutrina linguística de maior sucesso em seu próprio tempo, estaremos refletindo, também, sobre a nossa própria responsabilidade perante o estado das teorias da linguagem hoje.



As palavras com que Schuchardt encerra o livro, acima reproduzidas, nos dão a primeira chave para compreender o significado da obra em seu tempo. Elas são reveladoras da atitude de Schuchardt perante a “ciência”, e nos mostram que ele mirava o lado oposto do horizonte científico de que se ocupava a linha mais importante da linguística praticada nos finais do século XIX. A segunda chave decorre da falta de compreensão em relação à primeira: a abordagem dos problemas teóricos da linguagem oferecida por de Schuchardt é hermética num grau extremo, a ponto de seus contemporâneos – e seus críticos do século seguinte – parecerem não reconhecer, sequer, que Schuchardt apresente qualquer discussão teórica.

Nas seções que seguem vamos tratar desses dois problemas relacionados. Começamos tentando apontar os pontos teóricos mais interessantes do texto de Schuchardt, para só em

seguida comentarmos sua oposição aos neogramáticos. No caminho, procuramos apresentar as linhas gerais do artigo, a fim de deslindar esse texto que, reconhecidamente, não é uma leitura fácil.

1. Schuchardt e a teoria da mudança

2. ... se eu fosse obrigado a incluir as noções de “regularidade” e “ausência de exceção” no meu credo, eu remeteria essas noções justamente à atuação da mudança fonética *esporádica*, e não à atuação de leis regulares – no sentido de que toda mudança fonética, em algum ponto, é *irregular*.

Em 1963, no livro *“Idealism in Romance Linguistics”*, o americano Robert Hall apresenta Schuchardt sob a mais brutal de todas as luzes brutais que o século XX lançou sobre seus trabalhos, segundo o historiador T.H Wilbur. Nas palavras de Hall sobre a crítica de Schuchardt contra os neogramáticos, de acordo com Wilbur,

“Observa-se que as críticas de Schuchardt foram todas negativas; ele não ofereceu nenhum princípio positivo para substituir a hipótese de mudança fonética dos neogramáticos. Só o que ele propôs foram observações detalhadas de minúcias... Essa abordagem não é simplesmente não-científica, mas sim completamente anti-científica, negando mesmo a possibilidade de classificação, que é o primeiro passo da análise científica”

Na introdução à tradução inglesa de “UDL”, Wilbur desconstrói cuidadosamente o ataque de Hall a Schuchardt; aqui, quero chamar atenção a apenas um aspecto que nos ajuda a compreender o problema da recepção da sua obra. O que surpreende, na avaliação de Hall (e neste ponto ela reflete muito da avaliação geral da historiografia sobre Schuchardt), é algo que poderemos chamar de cegueira teórica.

Pois simplesmente não é verdade que Schuchardt não apresente um princípio positivo que ocupasse o lugar do princípio da regularidade da mudança dos neogramáticos: ele ofereceu, justamente, **o princípio da irregularidade da mudança**. O problema, ao que parece, é que a historiografia de inspiração estruturalista não consegue enxergar, na irregularidade, matéria de que se façam princípios decentes.

O princípio da irregularidade de Schuchardt, aspecto fundamental para entendermos sua crítica aos neogramáticos e sua visão sobre a linguagem (e sobre o fazer científico), está resumido na sentença acima, em que ele oferece explicitamente sua alternativa à proposta central dos neogramáticos: a única regularidade está na irregularidade das mudanças. Essa proposta é examinada de modo magistral por TV no ensaio “Hugo Schuchardt’s theory of phonological change”, à luz da fonologia gerativa do início dos anos 1970 (Venneman, por sinal, não só não considera que Schuchardt não apresenta alternativas, como lista 29 teses encerradas nos texto de UDL). Para Venneman, a teoria de Schuchardt toca nas questões centrais que preocupam a teoria fonológica em todos os tempos: X, Y, Z.

A questão principal da teoria de Schuchardt, conforme apontada por Venneman, é: *“De onde vem as regras?”*, e ele vai construir uma resposta a essa questão por um caminho que

procura entender como mudanças esporádicas podem se transformar em regras. Dois aspectos importam destacar: primeiro, a preocupação de Schuchardt com a relação de causa e efeito – com a “lei da causalidade”, essa sim a maior de todas as leis da ciência para o autor – e segundo, a inclusão do espontâneo, do imprevisível, no funcionamento da língua – note-se: no funcionamento regular da língua. É a inclusão do espontâneo que explica a afirmação de Schuchardt: “*toda mudança fonética, em algum ponto, é irregular*”. Na visão de Schuchardt, a mudança fonética começa sempre como um evento “esporádico” (“*sporadische*”, também traduzido por “*sporadic*” por Venneman) – termo que se contrapõe a regular. Notemos: a mudança começa como esporádica, se espalha pelo tecido da língua por meio de associações e generalizações, e **se torna uma regra**. O ponto em que a mudança é “irregular”, portanto, é tipicamente seu início; e o que uma teoria de mudança precisa entender é a constância desse surgimento de irregularidades no funcionamento das línguas.

Esse processo pelo qual uma mudança esporádica se torna uma regra é também sugerido por Schuchard como a “metamorfose das mudanças”, num trecho especialmente bonito do texto:

3. Neste momento não poderei expor com vagar esta metamorfose das leis fonéticas, que me parece não ter ainda servido como objeto de uma discussão mais ampla; mas ressalto enfaticamente sua importância. E até mesmo no reino das mudanças fonéticas “mecânicas” – empresto aqui a terminologia dos neogramáticos – encontro fatos que não me parecem constituir processos simplórios empacotáveis em fórmulas rígidas. Vejo lá o jogo colorido dos infindáveis impulsos dentre os quais alguns elementos particulares sobressaem-se em contornos mais vívidos que outros

Notemos neste trecho um segundo ponto fundamental da teoria de Schuchardt: para que a metamorfose das mudanças aconteça – para que a mudança esporádica se torne em regra – é preciso haver percepção de mudança. Nas palavras de Schuchardt, a metamorfose é “*o jogo colorido dos infindáveis impulsos dentre os quais alguns elementos particulares sobressaem-se em contornos mais vívidos que outros*” – sobressaem-se e, assim, penetram o tecido da língua. Para Venneman, por exemplo, a “mudança esporádica” de Schuchardt pode ser definida como o aparecimento de **alterações fonológicas perceptíveis de uma forma linguística por um ou mais falantes** (“*inglês*”) – a chave, aqui, está na palavra **perceptível**.

Pois, para Schuchardt, para que uma mudança se alastre ela precisa ser imitada pelos falantes, e isso pode se dar conscientemente. Este é um ponto essencial das idéias de Schuchardt, que o colocou numa posição muito difícil nos anos que seguiram. Aqui importa só mostrar: a idéia de uma alteração perceptível propagando-se conscientemente numa população é inteiramente contrária aos princípios da mudança “gradual, inconsciente e regular” dos neogramáticos, como veremos a seguir. Mais que isso. Essa admissão da consciência do falante sobre os rumos da língua não coloca Schuchardt apenas em

contraposição aos neogramáticos, mas também ao pensamento estruturalista que foi colocado em seu lugar no início do século XX. MOPURGO-DAVIES.

O ponto central aqui é mais específico: o que temos que notar, para entender o texto de Schuchardt, é que o surgimento “espontâneo” (vamos dizer assim) das alterações, e sua propagação imprevisível, formam o primeiro passo da metamorfose – não podemos nos esquecer do segundo passo, aquele em que aquele “jogo colorido dos infindáveis impulsos” vai se tornar uma regra, ou seja, vai se tornar parte de um funcionamento inconsciente e regular. Schuchardt deixa esta posição muito clara no trecho em que remete à transformação de processos de analogia conceitual em processos de analogia fonética pura:

4. Já expressei há alguns anos a idéia de que a mudança do *e, o* do latim vulgar para *ie, uo* no italiano (e no romance em geral) foi condicionada originalmente por um *i* ou *u* subsequente, tal como se pode ver ainda hoje em alguns dialetos: *vieni, buonu, buoni*. Inicialmente a extensão teria se dado por analogia conceitual: *viene, buona*, até chegar-se a um ponto em que esse apoio se tornou desnecessário: *pietra, ruota*.

Em resumo, na visão de Schuchardt, a mudança fonética se processa a partir do surgimento de uma alteração na fala de um indivíduo, que foi percebida por outros falantes, repetida por eles – “imitada”, consciente ou inconscientemente; e que, por um processo complexo de associações conceituais ou formais, estabeleceu-se no funcionamento da língua. No ensaio de 1972 de Venneman, o leitor encontrará uma revisão interessantíssima dessa teoria sob luzes mais recentes.

Aqui nos importa apenas apontar que, se compreendemos essa visão, podemos compreender facilmente como ela contrasta com a visão da mudança oferecida pelos neogramáticos. Mais que isso: do ponto de vista de Schuchardt, o que os neogramáticos propõe como “princípios da mudança” não chegam a ser nem visões sobre a mudança: não têm qualquer poder explicativo, e constituem apenas um agrupamento de observações empíricas travestidas de leis linguísticas. O ponto central sobre o qual divergem SCH e os neogramáticos não é que SCH não queira admitir qualquer tipo de “lei” – ao contrário, é que ele avalia que o conceito de ‘lei’ dos neogramáticos é muito simplificado, e não consegue abarcar a complexidade dos fenômenos envolvidos na mudança linguística. Para compreendermos a o que há de funcionamento regular nos mecanismos de mudança, temos que reconhecer sua complexidade:

5. Em qualquer categoria de fenômenos, a interconexão regular apresenta-se nas mais variadas gradações, a depender da maior ou menor complexidade dos fenômenos – da força do acaso num jogo de azar à ordem fixa do universo mecânico. Em qualquer área que se escolha, uma breve pesquisa inicial já nos indicará as regularidades que poderemos vir a esperar: assim é que o jogador que persiga a sorte por meio da precisão matemática não estará de acordo com as verdadeiras regras do jogo. Da mesma forma, parece-me francamente notável que,

diante da clareza com que se revelam os fundamentos psíquicos da mudança fonética, a natureza social da linguagem, e as fronteiras difusas dos limites espaciais e temporais de uma língua, a regularidade absoluta das leis fonéticas possa ser defendida por alguém. Nas palavras de **Merlo**, os neogramáticos confundiram “*o conceito simples de Lei com o conceito complexo dos efeitos produzidos pela combinação de leis variadas que operam simultaneamente e em conjunto*”.

Para Schuchardt, os “princípios” dos neogramáticos não passam de um erro, de uma simplificação radical do fenômeno extremamente complexo que é a mudança linguística. Aqui precisamos ressaltar, para terminar este primeiro ponto, que o texto de Schuchardt está longe de representar um tratado “anti-científico” dedicado a destrinchar “minúcias” (como enxergou Hall) – ao contrário, trata-se de uma peça cuja preocupação central é debater o **valor científico** da linguística de seu tempo. O que passa – conforme já sugeri – é que a visão de “valor científico” de Schuchardt contrasta notavelmente com a visão dos neogramáticos, que se tornou hegemônica. Isso não significa que Schuchardt fosse “contra a ciência” – ao contrário, sua preocupação em relação à doutrina das “leis fonéticas regulares” era o atraso que elas significavam para o progresso da ciência linguística:

6. Na minha visão, a doutrina da regularidade das leis da mudança não passa de um obstáculo que se ergue no meio do caminho do desenvolvimento da nossa ciência, e dificulta sua chegada à lei da causalidade. As leis fonéticas têm sido tão incensadas, que o desejo de transcendê-las está hoje mais fraco do que estaria tivessem elas sido apresentadas, simplesmente, como regularidades gerais. E no entanto, elas não passam disso: leis empíricas que (tal como salienta o próprio Wundt) ainda precisam ser transformadas em leis de causalidade.

Essa afirmação acima resume o que eu havia sugerido mais acima: o ataque central de Schuchardt à doutrina dos neogramáticos remete à falta de compromisso desta doutrina frente à “lei da causalidade”, ou seja, à ausência de poder explicativo das “leis fonéticas”. Isso nos ajuda também a compreender o ponto de vista pelo qual Schuchardt desconstrói o princípio máximo da doutrina neogramática (o funcionamento regular das leis fonéticas): ele o ataca como Princípio, e não nas suas “minúcias”, como é de acordo com a sua visão da ciência. Veremos isso no ponto a seguir

2. Schuchardt e a doutrina das mudanças regulares

Na proposição: “as leis fonéticas operam sem exceção”, tanto o Sujeito como o Predicado suscitam objeções graves.

Levando-se em conta tudo o que discutimos até este ponto, vemos que a doutrina da regularidade das leis fonéticas não pode ser demonstrada pelo método dedutivo – assim como não o podia ser

pelo indutivo, como de início mencionamos. Seus seguidores só podem segui-la como a um dogma.

Para ele, o interesse dos estudos linguísticos deveria residir na descoberta da lei da causalidade das mudanças – e não no escarafunchar de acontecimentos particulares: ele vê as infundáveis discussões etimológicas características de sua época como mistificações que impedem o desenvolvimento de uma teoria geral:

7. O que acontece é que os neogramáticos oferecem de público não apenas um preceito: mas sim, um preceito travestido de fato, ou melhor, travestido de um fato que característico do todo da vida das línguas. Por exemplo: que diferença faz se o termo romance *andare* vem de *adnare* ou *addare* ou *ambulare* ou de uma raiz verbal celta; se, em tal dialeto, *l* torna-se *r*, e naquele outro, *r* torna-se *l*, etc.? O que significam as mil correspondências etimológicas e morfológicas, as mil leis fonéticas – se pudessem todas permanecer isoladas, se não forem absorvidas por relações superiores? Servem em parte, e só como elementos auxiliares, para esclarecer a história das migrações e das relações entre as culturas. Mas para isso, precisariam antes estar estabelecidas no campo particular da própria ciência. Precisamos aprender a encontrar a regra geral no detalhe particular. Da mesma forma, o reconhecimento de um fato dominante em relação ao toda da vida linguística é muito mais importante que a distinção de fenômenos linguísticos específicos.

Por fim notemos que o sentimento geral de que a doutrina dos neogramáticos constituía uma “revolução” nos estudos da linguagem não convenceu Schuchardt em nenhum momento. Nem mesmo o argumento, muito em voga na época, de que essas leis tinham utilidade ainda que meramente metodológica, por oferecer aos linguistas um método de análise mais rigoroso (segundo Schuchardt, a posição de um Bloomfield), convence Schuchardt. Ao contrário. Para ele, o pretensão “rigor” da doutrina das leis regulares é um rigor deslocado, como ele sugere na seguinte frase contundente:

8. O rigor deve ser inculcado aos sujeitos, não aos objetos. O rigor não reside na estipulação de uma nova lei, mais severa; mas sim na observação mais severa daquela antiga lei sem a qual não há ciência, mas que por si só basta para que haja ciência: a lei da causa e efeito. O maior rigor na observação dessa lei emana diretamente do progresso consistente da atividade científica.

....

Sobre o rigor metodológico, para terminar:

Nós que tomamos a expressão “leis fonéticas” num sentido distinto daquele que (infelizmente) se estabeleceu recentemente na nossa linguagem técnica não enfrentamos os problemas que nossos oponentes podem insistir em imputar à nossa prática de trabalho – refiro-me à prática de explicar e descrever palavras e formas linguísticas. Há entretanto quem defenda que a doutrina da infalibilidade trouxe um maior ‘rigor científico’ à pesquisa linguística. Defendem-no porque partem de uma premissa muito generalizada, mas fundamentalmente falsa.

Schuchardt e os neogramáticos

9. A grande popularidade da doutrina dos neogramáticos não pode ser contada entre os argumentos em seu favor. Poucos a adotam por terem chegado de modo independente às conclusões que ela advoga, ou mesmo por terem-na colocado à prova de modo conclusivo. A grande maioria a adota por conta do alento metodológico que ela fornece. Trata-se de uma doutrina que se encaixa muito confortavelmente na receita que se espera que uma ciência respeitável siga hoje em dia. Falamos aqui daquilo que W. Scherer denominou, com muita propriedade, a “mecanização dos métodos”: a mecanização reduz a demanda de pensamento independente ao mínimo possível, e assim possibilita que um número inacreditável de indivíduos medíocres sintam-se parte do ‘mundo da ciência’.

Já se nota bem, na afirmação de Schuchardt acima, que ele não configurava a mais popular das figuras no ambiente acadêmico da sua época, povoado – suas palavras – por um “número inacreditável de indivíduos medíocres”.

Schuchardt e o século XX

O problema da moda, e do idealismo linguístico

3. Ler Schuchardt hoje

Frase do Wilbur: Schuchardt parece totalmente obscuro perto dos neogramáticos

Se S é difícil de ler, é quase enlouquecedor para se traduzir. Para não parecer descupa vou reproduzir aqui as palavras do seu tradutor para o inglês, TV:

...

A tradução inglesa de TV serviu de inestimável apoio para esta; recorri a ela sempre que encontrava passagens obscuras... A única desculpa que eu posso apresentar aqui para a idéia temerária de oferecer uma tradução de um texto como esse é minha crença sincera no valor que sua leitura pode trazer hoje. De novo vou recorrer a V:

...

De todo modo, refiro o leitor versado na língua alemã à versão original do artigo, que está disponível graças ao maravilhoso acervo digital da Universidade de Graz: XXX. É altamente recomendável, àqueles que possam, que leiam o original ao invés da minha tradução, ou ao menos a acompanhem com aquele. Já a tradução inglesa de TV está esgotada, e não encontramos versão digital para recomendar aos leitores brasileiros.

Uma última nota sobre a tradução. Assim como os tradutores do inglês, eu precisei combater o desejo quase irresistível de atualizar o texto – não a linguagem, mas sua estrutura. As 36 páginas de Schuchardt são compostas em XXX longos parágrafos, sem qualquer divisão de seções. Para não mutilar irreversivelmente o texto, optei por acrescentar notas à margem, onde procuro resumir os pontos principais tratados (na minha leitura) em cada seção. Essas notas foram pensadas para servir de apoio à leitura, compondo aquilo que (novamente, na minha leitura) formaria as seções e sub-seções do texto. Na margem direita, ainda, estão as referências bibliográficas – um assunto à parte, também apontado por TV e THW. Sempre que possível, indiquei a existência de traduções para o português ou pelo menos para o inglês para cada obra citada; indico, também, os raros casos de traduções digitais. No idioma original, todas as obras alemãs estão disponíveis para consulta na Biblioteca Nacional da Alemanha: XXX

Para finalizar estes breves comentários sobre a leitura do texto, vou lembrar mais uma vez de algumas sábias palavras dos editores TV e THW, que servem também para encerrar a apresentação geral.

Frase do Wilbur: tudo no livro é velbo menos o texto

A barreira dos mais de cem anos que nos separam de Schuchardt parece se erguer não entre nós e Schuchardt, mas entre nós e o ambiente acadêmico contemporâneo a Schuchardt – como se hoje ele pudesse ser lido quase que com mais frescor do que então. Por isso, ler Schuchardt hoje pode ser extremamente proveitoso, se conseguimos pular a barreira dos dogmas que ele procurou combater.

Maria Clara Paixão de Sousa

Campinas,

A repercussão do pequeno livro de Schuchardt foi de fato praticamente nula

Um dos aspectos mais intrigantes desta obra – pelo qual iniciamos esta apresentação

Começamos esse percurso

A próxima edição em alemão do pequeno livro sairia quarenta anos depois (em 1922 e em 1928, a cargo de Leo Spitzer), e sua primeira tradução, para o inglês, sairia 83 anos depois, a cargo de TV e THW.

Naquele ano de 1885,

publicada originalmente em 1885

Na monografia, dedicada ao amigo (e neogramático) XX,

Nesta apresentação da sua primeira tradução para o português,

era professor em...

“Schuchardt is made out to be the grandfather of all evils in the field of Romance linguistics, the ultimate source of all mental aberrations and intellectual perversions of Vossler, Bartoli, Bertone, and Spitzer.” Wilbur sobre Hall sobre Schuchardt

Hale sobre Schuchardt sem alternativas

Venneman sobre Schuchardt 29 teses

O livro de Schuchardt é portanto uma daquelas peças herméticas, na qual alguém pode ver 29 teses, e outro, nenhuma.

O fato de Hale não ter visto a alternativa de Schuchardt é o mais revelador. De fato, a ausência de um eco para as palavras de Schuchardt é surpreendente na historiografia do século XX como um todo (mais ainda do que no que tange seus próprios contemporâneos), quando examinamos os pontos principais de que trata o artigo:

XXX

Reconhecemos, aí, os principais problemas da teoria da linguagem no século XX.

Comentar a frase da irregularidade

O objetivo de Schuchardt neste ensaio é questionar os pressupostos teóricos dos neogramáticos; ele o faz meticulosamente, examinando as contradições internas de propostas como a de H.Paul, e buscando demonstrar a inadequação explicativa das propostas:

- Schuchardt argumenta contra a aceitação dos "fatores externos" como "excessões"; fundamentalmente, procura demonstrar que as limitações espaço-temporais abstraídas pelos neogramáticos não são excessões, são a regra.

A segunda linha de argumentação seguida por Schuchardt é dirigida aos argumentos internos dos neogramáticos, ainda que "abstraídas" as questões externas. Questiona, por exemplo, conceitos como "contextos fonéticos equivalentes":

Terence H. Wilbur, HUGO SCHUCHARDT AND THE NEOGRAMMARIANS (1972):

“Scholars in Romance-speaking nations always had before them the great diversity of the Romance world that had developed out of the relatively uniform Latin speech of the Empire. They were not forced to base social history upon linguistic reconstruction. The situation was quite the contrary. Since they were copiously provided with vast amounts of social and political data, the hard and fast legalism of the neogrammarians would naturally taste to them of extreme artificiality.

Schuchardt, a Romanist on German soil, was acutely aware of the fact that rigid formulation, doctrinal and practical, could only overlook and obscure the real dynamics of linguistic change. His insistence that the neogrammarians look closely at this reality and not allow themselves to be blinded by doctrinal statements was ignored. Schuchardt had an uncanny sense of the individual situation and he did not approach his subject matter with a preconditioned bias as to the nature of reality. It is this trait precisely that makes it difficult at times to find one's bearings in his writings. In comparison with the inflexible, clearly stated, abstract declarations of the neogrammarians with their doctrinaire assurance, his work draws a poor second, for his reasoning appears vague and devious. Although this cloudiness and uncertainty was always more apparent than real, it robbed his arguments of their force. Next to the great neogrammarian simplifiers he would naturally seem to be a vacillant obscurantist.

Not until the twenties when the results of the study of dialect geography began to receive proper appreciation did he come into his share of praise and understanding, for what came to the world of Indo-Europeanists and Germanists as a new revelation was old hat for Romanists”.

Osthoff e Brugmann

The two most important principles of the "neogrammarian" movement are the following:⁴

First, every sound change, inasmuch as it occurs mechanically, takes place according to laws that admit no exception. That is, the direction of the sound shift is always the same for all the members of a linguistic community except where a split into dialects occurs; and all words in which the sound subjected to the change appears in the same relationship are affected by the change without exception.

Second, since it is clear that form association, that is, the creation of new linguistic forms by analogy, plays a very important role in the life of the more recent languages, this type of linguistic innovation is to be recognized without hesitation for older periods too, and even for the oldest. This principle is not only to be recognized, but is also to be utilized in the same way as it is employed for the explanation of linguistic phenomena of later periods. And it ought not strike us as the least bit peculiar if analogical formations confront us in the older and in the oldest periods of a language in the same measure or even in still greater measure than in the more or most recent periods.

Brugmann

- 1. Since all linguistic development takes place in the psychic realm, sound change is a psychic process.*
- 2. It is at the same time a physiological process inasmuch as the activity of the speech organs also comes into consideration*
- 3. The movements by which sounds are produced are never precisely the same either in the case of the various individuals of the same community or even in the case of the same individual.*
- 4. These variations are however so slight that they are not perceived as differences by the speaker or the hearer.*
- 5. As a rule, between the beginning and the end of a development, eg. k and h of the first Germanic sound shift, there lies a continuous series of minimal shifts in articulation which one can designate as k, k₁, k₂, k₃, k₄, ..., h. And some individuals can have advanced several stages in the direction of the new sound while others still retain the old sound.*

6. *The closer the circle of the speech community is drawn, that is, the smaller the number of speakers and the closer they live together, the smaller the differences are in the progress of the change.*

7. *All members of the community take part in the change, and even considering all differences in detail, the direction of the change is the same.*

8. *In the completion of the sound change, it is now inconceivable that different paths could be taken in different words.*

9. *Pronunciation is not acquired specially for every single word, but whenever the same phonetic conditions are present, there necessarily occurs the same kinetic feeling and with it the same pronunciation.*

10. *That is what one has to understand by the unexceptionability of the sound law.*

Edições antigas e disponíveis das obras citadas por Schuchardt

Bruggman e Osthoff – Prefácio à Morph. Unters..

Tradução de W. Lehmann. <http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/read14.html>

Referências

FOUGHT, John. The Reinvention of Hugo Schuchardt. *Language in Society*, Vol. 11, No. 3 (Dec., 1982), pp. 419-436 (review consists of 18 pages)

SCHUCHARDT, Hugo E.M. Über die Lautgesetze. Gegen die Junggrammatiker, Berlin , Oppenheim , -VI, 1-39. Hugo Schuchardt Archiv, <http://schuchardt.uni-graz.at/>

Kurt R. Jankowsky, *The Neogrammarians: a re-evaluation of their place in the development of linguistic science.* (Janua Linguarum, series minor, 116.) The Hague: Mouton, 1972. Pp. 275.